

# Colóquio

## ***Populorum Progressio: cinquenta anos de uma proposta de desenvolvimento integral***

### ***Populorum Progressio: The 50th anniversary of a proposal for integral development***

Dom Paulo Cezar Costa<sup>1</sup>  
Bispo Diocesano de São Carlos

#### **Resumo**

A Doutrina Social da Igreja é abordada à Luz da Encíclica *Populorum Progressio* e a preocupação que a Igreja demonstrou com a desigualdade social causada pela modernidade e a falta de espírito solidário. É apresentada as reflexões que alguns papas fizeram denunciando o acúmulo de bens nas mãos dos ricos e a privação dos pobres do direito de viver com dignidade. A Igreja não se calou frente às injustiças e desigualdades e acompanhou as mudanças, sociais, culturais, políticas e econômicas com um olhar atento para os pobres e marginalizados. Para Igreja o desenvolvimento humano integral deveria promover o homem na sua integralidade. Os bens da terra deveriam estar a serviço de todos supondo uma liberdade responsável que é fundamental para que o homem seja valorizado por aquilo que é e não apenas pelo que representa. Na perspectiva da Igreja o crescimento humano pode ser entendido como que um resumo dos nossos deveres, pois o homem, pela sua inserção em Cristo vivificante, entra num humanismo transcendente que o leva a sua maior plenitude.

**Palavras-chave:** Crescimento humano. Desenvolvimento. Doutrina Social da Igreja. Mudanças.

#### **Abstract**

*The Social Doctrine of the Church is addressed in the Light of the Encyclical Populorum Progressio and the concern that the Church has shown regarding social inequality caused by modernity and the lack of spirit of solidarity. It presents the reflections that some popes did denouncing the accumulation of assets in the hands of the rich and the deprivation of the poor to the right of living with dignity. The Church has not gone silent regarding the injustices and inequalities, and has followed all social, cultural, political and economic changes, watching closely to the poor and marginalized ones. For the Church, the integral human development should promote the individual in its entirety. The goods of the earth are to be at service of all, assuming a responsible freedom that is fundamental for the individual to be valued by what they are and not only by what they represent. From the perspective of the Church, human growth can be understood as a summary of our duties, for mankind, through their link to the life-giving Christ, enters into a transcendent humanism that brings them to their greatest fullness.*

**Keywords:** Human growth. Development. Social Doctrine of the Church. Changes.

## **Introdução**

A modernidade pensou e projetou uma época marcada por muitas facilidades, de grandes desenvolvimentos, uma época que descrevo com as palavras de Dom Bruno Forte: “uma narração

---

<sup>1</sup> Diocese de São Carlos. R. Nove de Julho, 1515, Centro, 13560-042, São Carlos, SP, Brasil.

do homem, finalmente adulto, emancipado, com a cabeça levantada ao vento e ao sol – como dizia Bonhoeffer – o homem que o Iluminismo, o século das luzes, quis finalmente livre de toda hipoteca, de toda dependência, sobretudo do caráter transcendente”. Se o Iluminismo, que marcou a modernidade preconizou um homem livre, fruto de uma razão que o libertaria, no campo social não é exatamente esta realidade que se depara. A modernidade está marcada por profundas desigualdades sociais. A Igreja vinha, desde Leão XIII com a *Rerum Novarum*, se manifestando sobre as grandes questões sociais. Nos anos sessenta, do século XX o Papa São João XXIII tinha percebido que a questão social – no nível das tensões entre classes, conservava a sua pertinência, mas percebia também que estas tensões se situavam dentro de uma dimensão planetária, não se tratava simplesmente de tensões entre classes, mas de tensões entre povos desenvolvidos e povos subdesenvolvidos. Paulo VI constatou esta mesma realidade afirmando: “os povos ricos gozam de um crescimento rápido, enquanto os pobres se desenvolvem lentamente; alguns produzem em excesso gêneros alimentícios, que faltam cruelmente a outros; uma oligarquia goza de civilização requintada, o resto da população é dispersa, é privada de quase toda a possibilidade de iniciativa pessoal e de responsabilidade; economias quase exclusivamente agrária, o escândalo de desproporções revoltantes, não só na posse dos bens, mas ainda no exercício do poder; condições de vida e de trabalho indignos da pessoa humana. Choque de civilizações tradicionais e as novidades da civilização industrial, e ainda, os povos da fome dirigem-se aos povos da opulência”<sup>2</sup>.

### O Conceito de Desenvolvimento na *Populorum Progressio*

Paulo VI tinha, antes de ser Papa – nas suas viagens pela América Latina e África, constatado a realidade da grande desigualdade entre os povos. Ele afirmou: “Antes de nossa elevação ao sumo Pontificado, duas viagens, uma à América Latina (1960) outra à África (1962), puseram-nos em contato imediato com os lancinantes problemas que oprimem continentes tão cheios de vida e esperança. Revestido da paternidade universal, por ocasião de novas viagens à Terra Santa e à Índia, pudemos ver, com os nossos próprios olhos, e como que tocar com as nossas próprias mãos, as gravíssimas dificuldades que assaltam povos de civilização antiga, lutando com o problema do desenvolvimento [...]”<sup>3</sup>.

A proposta de desenvolvimento da encíclica *Populorum Progressio* é uma abordagem que leva em conta o ser humano na sua totalidade e também a uma visão mais integral da própria sociedade. Já na introdução do documento, o beato Paulo VI, afirmou a atenção com que a Igreja acompanha o desenvolvimento dos povos, principalmente dos povos mais pobres: “O desenvolvimento dos povos, especialmente daqueles que se esforçam por afastar a fome, a miséria, as doenças endêmicas, a ignorância; que procuram uma participação mais ampla nos frutos da civilização, uma valorização mais ativa das suas qualidades humanas; que se orientam com decisão para o seu pleno desenvolvimento, é seguido com atenção pela Igreja”<sup>4</sup>.

Paulo VI apontou para o fracasso do desenvolvimento entendido como mero crescimento quantitativo. Para o Papa, a raiz deste fracasso se encontra no ter dado primazia ao “ter mais,

<sup>2</sup> Papa Paulo VI, Papa Paulo VI. *Populorum Progressio*, n.3.

<sup>3</sup> *Ibid.*, n.4.

<sup>4</sup> *Ibid.*, n.1.

mesmo às custas do ser menos”. Diz ele: “Tanto para os povos como para as pessoas, possuir mais não é o fim último. Qualquer crescimento é ambivalente. Embora necessário para permitir ao homem ser mais homem, torna-o, contudo, prisioneiro no momento em que se transforma no bem supremo que o impede de ver mais além. Então os corações se endurecem e os espíritos fecham-se, os homens já não se reúnem pela amizade, mas pelo interesse, que bem depressa os opõe e os desune. A busca exclusiva do ter, forma então um obstáculo ao crescimento do ser e opõe-se à sua verdadeira grandeza: tanto para as nações como para as pessoas, a avareza é a forma mais evidente do subdesenvolvimento moral”<sup>5</sup>.

Na *Populorum Progressio* o desenvolvimento é assumido por dentro, pois Paulo VI se identifica e solidariza com os povos desfavorecidos e, em nome deles, interpela as nações prósperas. Mas, o que entende o beato Papa Paulo VI por desenvolvimento?

Paulo VI, já no número 6, mostra uma concepção de desenvolvimento que vai além do simples desenvolvimento econômico. Diz ele: “ser libertos da miséria, encontrar com mais segurança a subsistência, a saúde, um emprego estável; ter maior participação nas responsabilidades, excluindo qualquer opressão e situação que ofendam a sua dignidade de homens; ter maior instrução; numa palavra, realizar, conhecer e possuir mais, para ser mais: tal é a aspiração dos homens de hoje [...]”. O beato Paulo VI já tinha afirmado a primazia do ser sobre o ter num discurso ao Corpo diplomático: “[...] não basta ao homem crescer no que possui, tem que crescer no que é [...]”. Esta relação entre “ser” e “ter” reaparecerá na Constituição *Gaudium et Spes* n. 45: “Assim como procede do homem, a atividade humana se ordena ao homem. Com efeito o homem, quando trabalha, transforma não somente as coisas e a sociedade, mas se aperfeiçoa a si mesmo. Ele aprende muitas coisas, desenvolve suas faculdades, se supera e se realiza. Este desenvolvimento, bem entendido, é de valor maior do que as riquezas externas que se podem ajuntar. O homem vale mais pelo que é do que pelo que tem”. A Constituição do Vaticano II tinha colocado os fundamentos desta relação entre ter e ser, afirmando o primado do ser. Há um direcionamento do “ter” para o “ser”: “ter” objetos e bens não aperfeiçoa, de per si, o sujeito humano, se não contribuir para a maturação e para o enriquecimento do seu “ser”, isto é, para a realização da vocação humana como tal. O mal não consiste no “ter” enquanto tal, mas no fato de se possuir sem respeitar a *qualidade* e a *ordem hierárquica* dos bens que se possuem. *Qualidade* e *hierarquia* que promanam da subordinação dos bens e das suas disponibilidades ao “ser” do homem e à sua verdadeira vocação. Com isto fica esclarecido que o *desenvolvimento* tem *necessariamente uma dimensão econômica*, porque ele deve proporcionar, ao maior número possível dos habitantes do mundo, a disponibilidade de bens indispensáveis para “ser”, contudo, ele não se limita a tal dimensão. Se for delimitado a esta, volta-se contra aqueles a quem se quereria favorecer. As características de um desenvolvimento integral, “mais humano”, que – sem negar as exigências econômicas – esteja em condições de se manter à altura da vocação autêntica do homem e da mulher<sup>6</sup>. Assim, o desenvolvimento integral “não se reduz a um simples crescimento econômico. Para ser autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover ‘todos os homens e o homem todo’”, como justa e vincadamente sublinhou um eminente especialista: “não aceitamos que o econômico se separe do humano, nem o desenvolvimento das civilizações em que ele se incluiu”. E prossegue, “O que conta para nós é o homem, cada homem, cada grupo de homens,

<sup>5</sup> Cf. Paulo VI, Papa. *Populorum Progressio*, n.19.

<sup>6</sup> João Paulo II, Papa. *Sollicitudo Rei Socialis*, n.28.

até se chegar à humanidade inteira”<sup>7</sup>. Aqui está o centro da *Populorum Progressio*. A verdade do desenvolvimento consiste na sua integralidade. Se não é desenvolvimento do homem todo e de todos os homens, não é verdadeiro desenvolvimento<sup>8</sup>. A fé cristã, na qual se fundamenta a Doutrina social da Igreja, tem uma visão alta do ser humano: Criado por Deus e redimido em Cristo. Desta verdade se origina a grandeza do ser humano.

São João Paulo II, no seu primeiro documento *Redemptor Hominis*, mencionando o progresso, pergunta: “O progresso da técnica e o desenvolvimento da civilização do nosso tempo, que é marcado, aliás, pelo predomínio da técnica, exigem um proporcional desenvolvimento também da vida moral e da ética. E, no entanto este último, infelizmente, parece ficar sempre atrasado. Por isso, este progresso, de resto tão maravilhoso, em que é difícil não vislumbrar também os autênticos sinais da grandeza do mesmo homem, os quais, em seus germes criativos, já nos são revelados nas páginas do Livro do *Gênesis*, na descrição da sua mesma criação, este progresso não pode deixar de gerar múltiplas inquietações. Uma primeira inquietação diz respeito à questão essencial e fundamental: Este progresso, de que é autor e fator o homem, torna de fato a vida humana sobre a terra, em todos os seus aspectos, “mais humana”? Torna-a mais “digna do homem”? Não pode haver dúvida de que, sob vários aspectos, a torna de fato tal”<sup>9</sup>.

Esta relação entre “ter” e “ser” perpassará toda a doutrina social da Igreja, pois é a afirmação do valor da pessoa sobre as coisas. O possuir conduz ao ser, isto é, à realização da pessoa humana enquanto humana, com as suas diversas dimensões. Assim, o beato supera uma visão parcial do desenvolvimento e o insere numa dimensão integral, olhando não só o aspecto de bem estar, mas a realização da pessoa humana em todas as suas dimensões. Bento XVI, na *Caritas in Veritate* enfatiza a dimensão transcendente quando afirma que, “sem a perspectiva de uma vida eterna, o progresso humano neste mundo fica privado de respiro”<sup>10</sup>.

O beato Paulo VI mostra como o ser humano tem em si uma vocação para o crescimento: “Nos desígnios de Deus, cada homem é chamado a desenvolver-se, porque toda a vida é vocação. É dado a todos, em germe, desde o nascimento, um conjunto de aptidões e de qualidades para as fazer render: desenvolvê-las será fruto da educação recebida do meio ambiente e do esforço pessoal, e permitirá a cada um orientar-se para o destino que lhe propõe o Criador. Dotado de inteligência e de liberdade, é cada um responsável tanto pelo seu crescimento como pela sua salvação”<sup>11</sup>. Bento XVI comenta que “a vocação exige uma resposta livre e responsável. O desenvolvimento humano integral supõe a liberdade responsável da pessoa e dos povos [...]”<sup>12</sup>. Esta liberdade é fundamental, pois quem recebe uma vocação torna-se sujeito, pois atua como pessoa livre. Dotado de liberdade, cada um torna-se responsável tanto pelo seu crescimento como

<sup>7</sup> Cf. Paulo VI, Papa. *Populorum Progressio*, n.14.

<sup>8</sup> *Cariatas in veritate*, 18. É importante e precisa ser aprofundado a influência do Humanismo integral de Jacques Maritain no pensamento de Paulo VI e principalmente no conceito de desenvolvimento integral. Paulo VI conhecia bem o pensamento de Jacques Maritain. O livro *Humanismo Integral* de Maritain é de 1936. Diz ele: “O humanismo tende essencialmente a tornar o homem mais verdadeiramente humano, e a manifestar a sua grandeza original, fazendo-o participar de tudo o que, na natureza e na história [...] o possa enriquecer; suas exigências são exaustivas, levando o homem a desenvolver suas virtualidades intrínsecas, suas forças criativas e a vida da razão, se esforçando também a transformar as forças do mundo físico em instrumentos de sua liberdade” (MARITAIN, J. *Humanismo integral*. São Paulo: Editora Nacional, 1954. p.298).

<sup>9</sup> João Paulo II, Papa. *Redemptor Hominis*, n.15.

<sup>10</sup> Bento XVI, Papa. *Caritas in Veritate*, n.11.

<sup>11</sup> Cf. Paulo VI, Papa. *Populorum Progressio*, n.15.

<sup>12</sup> Cf. Bento XVI, Papa. *Caritas in Veritate*, n.17.

pela sua salvação<sup>13</sup>. Esta liberdade diz respeito também às situações de subdesenvolvimento, que são fruto da responsabilidade humana<sup>14</sup>.

Como toda a criação está ordenada ao Criador, a criatura espiritual é obrigada a orientar espontaneamente a sua vida para Deus, verdade primeira e soberano bem. Assim, o crescimento humano constitui como que um resumo dos nossos deveres. Pela sua inserção em Cristo vivificante, o homem entra num desenvolvimento novo, num humanismo transcendente que o leva a sua maior plenitude: tal é a finalidade suprema do desenvolvimento pessoal. Cada homem é membro da sociedade: pertence à humanidade inteira. Não é apenas tal ou tal homem; são todos os homens, que são chamados a este pleno desenvolvimento. Há assim, uma solidariedade universal, que é um fato e um dever<sup>15</sup>.

Para Paulo VI o fracasso do desenvolvimento quantitativo tem a sua origem no primado dado ao ter em relação ao ser. O crescimento pessoal e comunitário ficaria comprometido se alterasse a verdadeira escala dos valores. A aquisição dos bens temporais não pode levar à cobiça, ao desejo de ter mais e à tentação de aumentar o poder. Tanto para os povos como para as pessoas, possuir mais não é o fim. “A busca exclusiva do ter, forma então um obstáculo ao crescimento do ser e opõe-se à sua verdadeira grandeza”<sup>16</sup>.

Diz o beato Papa Paulo VI: “Se a procura do desenvolvimento pede um número cada vez maior de técnicos, exige cada vez mais sábios, capazes de reflexão profunda, em busca de humanismo novo, que permita ao homem moderno o encontro de si mesmo, assumindo os valores superiores do amor, da amizade, da oração e da contemplação. Assim poderá realizar-se em plenitude o verdadeiro desenvolvimento, que é, para todos e para cada um, a passagem de condições menos humanas a condições mais humanas”<sup>17</sup>. Paulo VI apresenta alguns exemplos na realização deste humanismo, onde situações menos humanas exigem passagem para situações mais humanas: “Deve-se dizer que vivem em condições menos humanas, primeiramente os que são privados do mínimo vital pelas carências materiais ou que, por carências morais, são mutilados pelo egoísmo. E depois os que são oprimidos por estruturas opressivas, quer provenham dos abusos da posse ou do poder, da exploração dos trabalhadores ou da injustiça das transações. Mais humanas: a passagem da miséria à posse do necessário, a vitória sobre os flagelos sociais, o alargamento dos conhecimentos, a aquisição da cultura. São condições mais humanas também: a consideração crescente da dignidade dos outros, a orientação para o espírito de pobreza, a cooperação no bem comum, a vontade da paz; o reconhecimento, pelo homem, dos valores supremos, e de Deus, que é a origem e o termo deles. E finalmente, e sobretudo, a fé, dom de Deus acolhido pela boa vontade do homem, e a unidade na caridade de Cristo que nos chama a todos a participar como filhos na vida do Deus vivo, Pai de todos os homens”<sup>18</sup>.

O beato percebe que há uma destinação universal dos bens, pois a “terra fornece a cada um os meios de subsistência e os instrumentos do progresso, todo o homem tem direito, portanto, de nela encontrar o que lhe é necessário”<sup>19</sup>. Há uma destinação universal dos bens, ninguém tem

<sup>13</sup> Cf. Paulo VI, Papa. *Populorum Progressio*, n.15

<sup>14</sup> Cf. Bento XVI, Papa. *Caritas in Veritate*, n.17.

<sup>15</sup> Cf. Paulo VI, Papa. *Populorum Progressio*, n.17.

<sup>16</sup> *Ibid.*, n.19.

<sup>17</sup> *Ibid.*, n.20.

<sup>18</sup> *Ibid.*, n.21.

<sup>19</sup> *Ibid.*, n.22.

direito de reservar para seu uso exclusivo aquilo que lhe é supérfluo, quando aos outros falta o necessário. Diz Santo Ambrósio: “não dás da tua fortuna ao seres generoso para com o pobre, tu dás daquilo que lhe pertence. Porque aquilo que atribuis a ti, foi dado em comum para uso de todos”. Este tema já se encontrava presente na *Gaudium et Spes*, que afirma: “Deus destinou a terra, com tudo que ela contém, para o uso de todos os homens e povos, de tal modo que os bens criados devem bastar a todos, com equidade, sob as regras da justiça, inseparável da caridade”<sup>20</sup>.

Paulo VI denuncia o capitalismo liberal: Infelizmente, sobre estas novas condições da sociedade, construiu-se um sistema que considerava o lucro como motor essencial do progresso econômico, a concorrência como lei suprema da economia, a propriedade privada dos bens de produção como direito absoluto, sem limite nem obrigações sociais correspondentes. Este liberalismo sem freio conduziu à ditadura denunciada, com razão, por Pio XI, como geradora do “imperialismo internacional do dinheiro. Nunca será demasiado reprovar tais abusos, lembrando mais uma vez, solenemente, que a economia está a serviço do homem”<sup>21</sup>. Porém, Paulo VI reconhece “o contributo insubstituível da organização do trabalho e do progresso industrial na obra do desenvolvimento”<sup>22</sup>.

O beato Papa Paulo VI propõe o humanismo integral. Diz ele: “é necessário promover um humanismo total. Que vem ele a ser senão o desenvolvimento integral do homem todo e de todos os homens? Poderia aparentemente triunfar um humanismo limitado, fechado aos valores do espírito e a Deus, fonte do verdadeiro humanismo. O homem pode organizar a terra sem Deus, mas “sem Deus só a pode organizar contra o homem. Humanismo exclusivo é humanismo desumano”. Não há, portanto, verdadeiro humanismo, senão o aberto ao Absoluto, reconhecendo uma vocação que exprime a ideia exata do que é a vida humana. O homem, longe de ser a norma última dos valores, só se pode realizar a si mesmo, ultrapassando-se. Segundo a frase tão exata de Pascal: “O homem ultrapassa infinitamente o homem”<sup>23</sup>.

### **Contribuição da *Populorum Progressio* para uma Cultura da Paz**

Para o Papa Paulo VI, o desenvolvimento é o novo nome da paz. Ele percebe que as disparidades econômicas, sociais e culturais provocam tensões e põem em perigo a paz. Diz ele: “combater a miséria e lutar contra a injustiça, é promover não só o bem-estar, mas também, o progresso humano e espiritual de todos e, portanto, o bem comum da humanidade. A paz não se reduz a uma ausência de guerra, fruto do equilíbrio sempre precário das forças. Constrói-se, dia a dia, na busca de uma ordem querida por Deus, que traz consigo uma justiça mais perfeita entre os homens”<sup>24</sup>. Não há paz sem justiça. A verdadeira paz “é obra da justiça”<sup>25</sup>. Este fosso entre ricos e pobres é uma realidade tangível, seja no nível das nações pobres e nações ricas, seja através de zonas mais desenvolvidas e zonas menos desenvolvidas das nações, nas grandes metrópoles e cidades. Enquanto os bens trazidos pelo desenvolvimento não chegar a todos, a paz estará

<sup>20</sup> Cf. Paulo VI, Papa. *Gaudium et Spes*, n.49.

<sup>21</sup> *Id.*, *Populorum Progressio*, n.26.

<sup>22</sup> *Ibid.*, n.26.

<sup>23</sup> *Ibid.*, n.42.

<sup>24</sup> *Ibid.*, n.76.

<sup>25</sup> *Id.*, *Gaudium et Spes*, n.78. Este tema foi também desenvolvido por São João Paulo II, na Mensagem para a Celebração do XXXV dia mundial da paz: “Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão”.

ameaçada. O tema do desenvolvimento integral: “de todo o homem e de todos os homens” é extremamente atual.

O beato Papa Paulo VI percebe que o diálogo é fundamental para o desenvolvimento solidário da humanidade. Diz ele: “O homem deve encontrar o homem, as nações devem encontrar-se como irmãos e irmãs, com os olhos de Deus. Nesta compreensão e amizade mútuas, nesta comunhão sagrada, devemos começar também a trabalhar juntos para construir o futuro comum da humanidade”<sup>26</sup>. O diálogo conduzirá à construção de um mundo mais humano. O diálogo é criador de fraternidade entre as civilizações, entre as pessoas. Paulo VI afirma que “a busca do desenvolvimento há de aproximar os povos nas realizações, fruto de esforço comum, se todos, desde os governos e seus representantes até ao mais humilde dos técnicos, estiverem animados de amor fraterno e movidos pelo desejo sincero de construir uma civilização de solidariedade mundial. Então, abrir-se-á um diálogo centrado no homem e não nas mercadorias ou nas técnicas”<sup>27</sup>. Paulo VI é convencido de que o diálogo conduz ao estabelecimento de relações e que estas são fundamentais para a construção da paz<sup>28</sup>. Papa Francisco, em sua visita ao Rio de Janeiro, propôs a Cultura do Encontro. Para enfrentar o presente é necessário um diálogo Construtivo nos diversos setores da sociedade hoje. Diz ele: “Entre a indiferença egoísta e o protesto violento, há uma opção sempre possível: o diálogo. O diálogo entre as gerações, o diálogo no povo, porque todos somos povo, a capacidade de dar e receber, permanecendo abertos à verdade. Um país cresce, quando dialogam de modo construtivo as suas diversas riquezas culturais: a cultura popular, a cultura universitária, a cultura juvenil, a cultura artística e a cultura tecnológica, a cultura econômica e a cultura da família, e a cultura da mídia. Quando dialogam... É impossível imaginar um futuro para a sociedade sem uma vigorosa contribuição das energias morais, numa democracia que permaneça fechada na pura lógica ou no mero equilíbrio de representação de interesses constituídos”<sup>29</sup>.

Paulo VI afirma que a busca do desenvolvimento conduz a construção de uma civilização de solidariedade mundial<sup>30</sup>. O conceito de solidariedade parece desgastado, mas este supõe “a criação de uma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns”. Este conceito estará muito presente nos grandes documentos e pronunciamentos dos papas do pós-concílio até Papa Francisco. São João Paulo II, na Carta Encíclica *Sollicitudo rei socialis*, afirma: “Quando a interdependência é assim reconhecida, a resposta correlativa como postura moral e social, como virtude, é a solidariedade. Esta não é um sentimento de vaga compaixão ou de ternura superficial pelos males de tantas pessoas próximas ou distantes; pelo contrário, é a firme e perseverante determinação de trabalhar para o bem comum, isto é, para o bem de todos e de cada um, a fim de que todos sejam verdadeiramente responsáveis por todos”. A solidariedade, nesta perspectiva, desempenha uma função de virtude social. Se tradicionalmente era a justiça que orientava para o bem comum, na percepção

<sup>26</sup> Cf. Paulo VI, Papa. *Populorum Progressio*, n.43.

<sup>27</sup> *Ibid.*, n.73.

<sup>28</sup> *Populorum Progressio*, loc. cit.

<sup>29</sup> Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, quando trata da dimensão social da Evangelização, concentra-se sobre duas questões que lhe parecem fundamentais neste momento histórico da humanidade: a inclusão social dos pobres e a questão da paz e do diálogo social. Papa Francisco afirma que “a Igreja, guiada pelo Evangelho da misericórdia e pelo amor ao homem, escuta o clamor pela justiça e deseja responder com toda a sua força. [...] A cooperação para resolver as causas estruturais da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres, passa pelos gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concretas que encontramos” (n.188).

<sup>30</sup> Paulo VI, Papa, op. cit. *Populorum Progressio*, n.73.

de São João Paulo II a solidariedade é a determinação de trabalhar para o bem comum, a fim de que todos sejam verdadeiramente responsáveis por todos. Nesta mesma linha, Papa Francisco afirma que “solidariedade significa muito mais do que atos esporádicos de generosidade; supõe a criação de uma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns”<sup>31</sup>. Papa Francisco continua: “A solidariedade é uma reação espontânea de quem reconhece a função social da propriedade e o destino universal dos bens como realidade anterior à propriedade privada. A posse privada dos bens justifica-se para cuidar deles e aumentá-los de modo a servirem melhor o bem comum, pelo que a solidariedade deve ser vivida como decisão de devolver ao pobre o que lhe corresponde”<sup>32</sup>.

Uma das contribuições fundamentais do beato Papa Paulo VI para a construção da cultura da paz foi a instituição do dia 1 de janeiro como dia mundial da paz. A *Populorum Progressio* é de 1967 e a instituição do dia da paz se deu em 8 de dezembro de 1967. Paulo VI pensou que “esta proposta interpreta as aspirações dos povos, dos seus governantes e das entidades internacionais que intentam conservar a Paz no mundo; das instituições religiosas, tão interessadas no promover a Paz; dos movimentos culturais, políticos e sociais que fazem da Paz o seu ideal; da juventude, em quem mais vivas estão as perspectivas de caminhos novos de civilização, necessariamente orientados para um pacífico desenvolvimento; dos homens prudentes que veem quanto a Paz é necessária e, ao mesmo tempo, quanto ela se acha ameaçada”<sup>33</sup>. A partir desta data, têm-se, todos os anos, as mensagens dos papas para o dia mundial da paz. Nestas, encontra-se um rico patrimônio para a reflexão e implementação da cultura da paz.

## Conclusão

A encíclica do beato Papa Paulo VI retomou, de maneira direta, a exposição nova e rica da Constituição *Gaudium et Spes*. Ele elabora os ensinamentos da *Gaudium et Spes* numa perspectiva muito atual: a do desenvolvimento integral, mediante a grande disparidade entre mundo desenvolvido e mundo subdesenvolvido. O mundo sofreu profundas transformações nestes 50 anos, tornou-se globalizado, fenômeno que produziu profundas mudanças na vida econômica, social e política. Mas, as grandes desigualdades entre povos ricos e pobres não se reduziu. A pobreza e as guerras causaram grandes fluxos migratórios no mundo.

Contemplar a complexidade da questão social, hoje, implica dar-se conta de que somente a visão econômica não responde a sua complexidade. Necessita uma visão mais ampla que coloque em cena outros atores, onde “a lei do mercado e do lucro deva ser substituída pela da solidariedade e do amor”, e a pessoa humana esteja colocada no centro. O conceito de desenvolvimento integral de Paulo VI reveste-se assim, de uma profunda atualidade pois, num mundo fragmentado necessita-se de polos que atraiam uma visão mais integral do humano e da realidade. Este olhar totalizante perpassou os grandes documentos magisteriais dos últimos papas.

Não se pode negar que a questão da grande diferença entre países ricos e países pobres, a questão da violência, a questão religiosa (entendida aqui como a intolerância religiosa) estão

<sup>31</sup> Francisco, Papa. *Evangelii Gaudium*, n.188.

<sup>32</sup> *Ibid.*, n.189.

<sup>33</sup> Mensagem de sua Santidade Papa Paulo VI para a celebração do I Dia Mundial da Paz: 1 de janeiro de 1968.

no centro das grandes questões internacionais. O grande fluxo migratório do mundo se dá seja por causa da violência (guerras – Papa Francisco fala de uma guerra mundial em pedaços), por causa da pobreza, por isso veem nos países ricos possibilidades de vida melhor, seja pela questão do radicalismo religioso, onde tantas pessoas abandonam seus países por causa da perseguição religiosa. Somente se sentindo irmãos, “o homem contemplando o outro homem como alguém que pertence à mesma raça, que pertence à mesma família humana” será possível uma convivência mais pacífica entre os seres humanos. É profundamente atual a percepção do beato Paulo VI: “O homem deve encontrar o homem, as nações devem encontrar-se como irmãos e irmãs, com olhos de Deus. Nesta compreensão e amizade mútuas, nesta comunhão sagrada, devemos começar também a trabalhar juntos para construir o futuro comum da humanidade”<sup>34</sup>. Paulo VI coloca assim, as bases para um novo humanismo, mesmo sabendo que, simplesmente pela razão não se consegue construir este novo humanismo, pois como afirma a fé católica, o ser humano foi ferido pelo pecado. A fé torna-se então, um elemento fundamental nesta construção. Só assim, “se desenvolve o homem todo e todos os homens”.

## Referências

BENTO XVI, Papa. *Carta Encíclica Caritas in Veritate*. São Paulo: Paulus, 2009.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Redemptor Hominis*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1979. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_04031979\\_redemptor-hominis.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html)>.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1987. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_30121987\\_sollicitudo-rei-socialis.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html)>.

PAULO VI, Papa. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes: sobre a igreja no mundo atual*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1965. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)>.

PAULO VI, Papa. *Carta Encíclica Populorum Progressio*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1967. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html)>.

<sup>34</sup> Cf. Paulo VI, Papa. *Populorum Progressio*, n.43.

Como citar este artigo/How to cite this article

COSTA, P.C., Dom. *Populorum Progressio: cinquenta anos de uma proposta de desenvolvimento integral*. *Cadernos de Fé e Cultura*, v.3, n.1, p.5-13, 2018. <http://dx.doi.org/10.24220/2525-9180v3n12018a4306>